



GRENIER, D. *Malgré tout on rit à Saint-Henri.*
Montréal: Boréal, coll.
“Boréal Compact”, 2013.
228p.

Vanessa Costa e Silva Schmitt¹

*Submetido em 8 de dezembro de 2013 e
aprovado em 2 de janeiro de 2014.*

Daniel Grenier pertence a uma nova geração de escritores que, ao lado de Raymond Bock e Samuel Archibald, oxigena o mercado literário do Quebec. *Malgré tout on*

rit à Saint-Henri, seu livro de estreia², que agora recebe nova edição pela editora Boréal, tem para nós, brasileiros, um gostinho especial. Na coletânea de deliciosos contos em que se pode transitar livremente e sem culpa pelo bairro de Saint-Henri, em Montreal, não é impossível evadir-se até Minas Gerais numa aventura que convida a uma sensível reflexão sobre as dificuldades e os dissabores enfrentados pelos imigrantes no Quebec atual (“*Les Mines Générales*”). Amante da literatura brasileira, Grenier flerta com a língua portuguesa com a convicção daqueles que vão além do samba, bossa-nova e violão, ou, numa versão mais atual, além do sertanejo universitário mil vezes replicado por um *québécois de souche* vestindo a *canarinho* com o 9 de Ronaldo estampado nas costas. Em “*Surlebout de la langue*”, é manifesta a homenagem a Lispector: a epígrafe sintetiza aquilo que a palavra diz e cala ao mesmo tempo, aquilo que o próprio conto engole antes de ser dito. Com delicadeza, o autor expõe a reação da personagem anônima à violência e à insegurança do Brasil atual, contrapondo-as ao que a neve, o frio e o falar com as mãos no bolso significam em terras estranhas. Buscando em Clarice o que de melhor havia em termos de incomunicabilidade, nada mais resta a dizer a não ser esta palavra de cuja

existência tanto nos orgulhamos na nossa língua, “saudade”.

E podemos ousar dizer que é saudade o que sentimos finda a última página de *Malgré tout*. Saudade de Montreal com seus tipos oníricos que, graças a um paralelismo nada inocente, reaparecem em três contos; figuras diáfanas com as quais o narrador cruza num átimo e, mitos ou símbolos, desaparecem no ar ou se perdem incógnitos na massa cinzenta do cotidiano. Pode ser a velha pedinte na cadeira de rodas que habita os corredores da estação de metrô Berri-UQAM, em “*S’enfarger dedans*”, ou então o tetraplégico acometido de espasmos que, igualmente no metrô, desta vez na linha amarela, traz consigo um cartaz mal recortado sobre os joelhos onde se lê: “Doe, por favor”. Como se mergulhássemos na pluralidade dos mundos de Demócrito, este homem ressurgiu e se confunde com outros cidadãos das ruas, como aquele da rua Sainte-Catherine ou aquela outra da mandíbula estranha, já morta, que o narrador pensa ter visto dia desses. E como não assoviar baixinho “O verão” das Quatro Estações de Vivaldi, depois de saber que lá, na estação Sherbrooke, há um homem solitário, barba e cabelos grisalhos, postura ereta, com seu violino, tocando ininterruptamente, desde tempos imemoriais, e com

convicção inabalável de artista quiçá premiado, a dita melodia? Pouco importa se tais seres estiverem ou não materializados nos labirintos azulejados do metrô, o que importa é que as moedas que tilintaram em seus humildes e surrados chapéus eram dólares canadenses.

Paralelismo também evidente quando o narrador evoca suas aventuras e travessuras de infância e juventude formando uma invariável tríade de amigos cujos nomes estrangeiros são modelados conforme a natureza do cenário. Em todos os contos que recebem a classificação *Anecdote* (de I a VI), a fórmula *Malgré tout* ou *Mais malgré tout* abre o relato, confundindo tanto o leitor quanto o próprio narrador em percepções musicais e filmicas que transpassam a fronteira da realidade. Michael Jackson, Paul McCartney, Ella Fitzgerald e Frank Sinatra anacrônicos ou fantasmagóricos fazem eco ao índio da Radio-Canada, bem como a toda a miríade de parceiros de apelações tão díspares quanto Lévy e Schlomo, Jesús e Pablito ou Kasuyo e Miko. Miragens de um bom e típico *Far West*, ao qual se assiste despreziosamente bebendo uma cerveja no gargalo e fumando sem culpa um bom cigarro sem filtro? Ou apelações do fantástico que habita cada um de nós?

A coletânea encerra-se com o tocante “*Peine perdue*”, onde a

alusão às portas, que não se permitem fechar direito no apartamento do casal, evoca na protagonista os conflitos mal resolvidos entre ela e seu companheiro, culminando na percepção de uma cumplicidade extinta ou que, muito provavelmente, nunca existiu.

Brasilianidades, instantâneos mais ou menos fiéis de Montreal, ecos de uma longa viagem pelos melhores momentos da ficção norte-americana, o que importa mesmo, o que todos queremos saber, é se, apesar de tudo isso, será possível controlar a ansiedade até que venha um novo trabalho

de Grenier. Até lá, ficaremos com saudade de Saint-Henri.

Notas

1. Cirurgiã-dentista graduada pela UFRGS, mestre e doutora em Letras pela UFRGS, atualmente realiza seu pós-doutorado na *Université de Genève* (UNIGE), no *Département de Langue et Littérature Françaises Modernes*, Genebra, Suíça sendo bolsista da *Confédération Suisse* pelo período de 2013-2014. E-mail: vanessa.costa.schmitt@gmail.com.
2. Em edição original *Le Quartanier*, 2012. ISBN978-2-89698-029-1. *Malgré tout on rit à Saint-Henri* foi um dos oito finalistas do *Prix des libraires du Québec*, categoria *Roman québécois 2013*.

